

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JANAINA BASTOS NOGUEIRA

**A INCLUSÃO NAS ESCOLAS DO ESTADO DO
PARANÁ “: UM PROJETO DE INTERVENÇÃO”**

CURITIBA

2019

JANAINA BASTOS NOGUEIRA

A INCLUSÃO NAS ESCOLAS DO ESTADO DO PARANÁ “: UM PROJETO DE INTERVENÇÃO”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Saúde para professores do Ensino Fundamental e Médio, Departamento de Enfermagem, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof^a. Magda Ribas Pinto

CURITIBA

2019

A minha família, que sempre me incentivou e que sempre acreditou em mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me permitir realizar este sonho.

Aos meus filhos por estarem sempre ao meu lado.

Ao meu marido por me dar força.

A direção do Dom Pedro II que me permitiu desenvolver este projeto.

Aos meus colegas professores que tão animadamente participaram do projeto de intervenção.

A professora Magda e o tutor Anderson pela paciência e orientação.

RESUMO

O presente projeto de intervenção se propõe a impactar a saúde mental do educando com deficiência para o Curso de Especialização em Saúde para professores do Ensino Fundamental e Médio, Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná. Portanto foram desenvolvidas atividades de integração do educando para com os colegas de classe, corpo docente e responsáveis dentro dos eventos de comemoração dos noventa anos da escola. As atividades incluíram desde exposição de fotos até palestras conscientizadoras no contraturno. Dentro da disciplina de história foi proposto um debate sobre a Segunda Grande Guerra Mundial em que o aluno autista foi o líder de uma das equipes. Essa atividade foi excelente pois mostrou aos outros alunos a singularidade dessa liderança, proporcionando ao aluno especial uma experiência motivadora pois dentro da atividade cada aluno tinha sua hora para falar e todos realmente escutavam o outro colega justamente para sustentar ou contrapor os argumentos expostos.

Palavras-Chave: educação inclusiva, debates, crianças com necessidades especiais, contraturno.

ABSTRACT

The present intervention project aims to impact the mental health of the student with disabilities for the Specialization Course in Health for Primary and Secondary School Teachers, Health Sciences Sector, Federal University of Paraná. Therefore, the student's integration activities were developed with classmates, students and leaders within the ninety-year-old school events. Activities included everything from photo exposure to awareness-raising lectures after/before school. Within the discipline of history was proposed a debate about the Second World War in which the autistic student was the leader of one of the teams. This activity was excellent because it showed the other students the singularity of this leadership, giving the special student a motivating experience because within the activity each student had his time to talk and everyone really listened to the other colleague precisely to support or counter the arguments presented.

Keywords: inclusive education, debates, children with special needs, after/before school.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 CONTEXTO E PROBLEMA	8
1.2 OBJETIVOS	9
1.2.1 Objetivo Geral.....	9
1.2.2 Objetivos específicos	9
1.3 JUSTIFICATIVA	9
2 REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1 A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL: ESCOLA – FAMÍLIA - COMUNIDADE	11
2.2 A SAÚDE DA CRIANÇA COM NECESSIDADES ESPECIAIS: O PAPEL DA ESCOLA	12
2.3 ATIVIDADES EXTRACURRICULARES NO CONTRATURNO	14
3 METODOLOGIA DA INTERVENÇÃO	15
3.1 LOCAL DA INTERVENÇÃO	15
3.2 SUJEITOS DA INTERVENÇÃO	16
3.3 TRAJETÓRIA DA INTERVENÇÃO	17
3.3.1. Trajetória de intervenção do Grupo 1.....	17
3.3.1. Trajetória de intervenção do Grupo 2.....	18
4 RESULTADO DA INTERVENÇÃO	20
5 CONCLUSÃO	22
REFERÊNCIAS	23

1 INTRODUÇÃO

O autismo é definido como sendo uma deficiência vitalícia que afeta a forma como uma pessoa se comunica e se relaciona com outras pessoas e como elas experimentam o mundo ao seu redor (TNAS, 2018). Algumas pessoas veem o autismo não como uma deficiência, mas como um distúrbio do desenvolvimento humano (ABRA, 2018). Distúrbio este que vem sendo estudado pela ciência há quase seis décadas, mas sobre o qual ainda permanecem, dentro do próprio âmbito da ciência, divergências e grandes questões por responder (MELLO, 2007)

Com a Lei da Inclusão do Transtorno de Espectro Autista (BRASIL, 2012) essa pessoa, que antes era considerada apenas uma pessoa com deficiência, passou a possuir direitos e obrigações previstas na convenção internacional sobre direitos da pessoa com deficiência e legislação relacionados a pessoas com deficiência (BRASIL, 2009).

Ao pesquisar e tentar demonstrar condições favoráveis no dia a dia de um aluno que faz parte da inclusão, independente da sua deficiência, estamos respeitando essas leis e o ajudando a ser parte da sociedade que o cerca.

1.1 CONTEXTO E PROBLEMA

As escolas devem acolher todas as crianças independentes de suas condições sociais, físicas, intelectuais, emocionais, etc. Ela deve assegurar condições de acesso, aprendizagem e participação de todos os estudantes em um espaço que reconheça e valoriza as diferenças de cada um.

O autismo requer conhecimento e informação, mas o saber sobre o tema pode ser apreendido pela capacitação, mas o que nos deparamos diariamente é vencer uma palavra chamada: preconceito. E respeitar a individualidade de cada ser. Deve-se ter sempre em mente cada dia é uma etapa vencida para o educador, responsável e amigos do portador de autismo. Neste entendimento tem a seguinte questão norteadora: Práticas educativas podem contribuir com a inclusão dos alunos com Transtorno do Espectro Autista – TEA?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Fomentar a inclusão dos alunos com Transtorno do Espectro Autista – TEA por meio de atividades extracurriculares durante o contra turno.

1.2.2 Objetivos específicos

- Promover fundamentação pedagógica, social e cultural dentro de suas capacidades físicas e mentais;
- Auxiliar na independência física, moral e social do aluno portador de necessidades especiais;
- Evitar evasão escolar desses alunos;
- Realizar o suporte a seus familiares com ajuda de profissionais adequados a este grupo.

1.3 JUSTIFICATIVA

No dia a dia como docente se observa algumas discrepâncias tanto do lado dos docentes como dos responsáveis dos alunos do Transtorno do Espectro Autista – TEA. Alguns preceitos quanto a deficiência intelectual pode comprometer em muitas das vezes o trabalho da comunidade escolar no qual este aluno faz parte. Fazer um olhar diferenciado nos alunos e tentar ver melhor em cada um deles o melhor de si tem de ser o papel do educador.

Existem casos de professores que aparentam dificuldades de lidar com este tipo de aluno. Assim como familiares que não aceitam os limites destas crianças. Esse

tipo de comportamento tem comprometido o bom desenvolvimento do educando. A realidade é que para que qualquer aluno cresça ele deve ser valorizado junto com seus limites. No caso de um estudante com necessidades especiais essa valorização e reconhecimento dos limites é primordial para que este não se sinta desmotivado ou inferiorizado (UNESCO, 1994).

Portanto, este projeto de intervenção pode servir de fonte inspiradora, esclarecedora e como material de apoio para os responsáveis dos alunos quanto para a escola.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL: ESCOLA – FAMILIA - COMUNIDADE

A nova classificação da deficiência mental, baseada no conceito publicado em 1992 pela Associação Americana de Deficiência Mental, considera a deficiência mental não mais como um traço absoluto da pessoa que a tem e sim como um atributo que interage com o seu meio ambiente físico e humano, que por sua vez deve adaptar-se às necessidades especiais dessa pessoa, provendo-lhe o apoio intermitente, limitado, extensivo ou permanente de que ela necessita para funcionar em 10 áreas de habilidades adaptativas: comunicação, autocuidado, habilidades sociais, vida familiar, uso comunitário, autonomia, saúde e segurança, funcionalidade acadêmica, lazer e trabalho (DAVID, 2015).

Afim de facilitar a aprendizagem e ambientação desses alunos definidos como deficientes considera-se que quase 24% da população brasileira é composta por pessoas que possuem algum tipo de deficiência. De acordo com o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (IBGE, 2012), o Brasil possui 45 milhões de Pessoas com Deficiência (PCDs).

Deve-se pesquisar condições favoráveis a Lei Federal nº 8.213/91 que está completando 25 anos e foi criada para garantir às pessoas com deficiência que sejam beneficiárias do Programa de Reabilitação Profissional pelo Instituto Nacional de Seguro Social (Inss) a possibilidade de exercerem alguma atividade laboral (BRASIL, 1991). A chamada Lei de Cotas obriga empresas com mais de 100 funcionários a reservarem de 2% a 5% das vagas de seu quadro de efetivos para essas pessoas (BRASIL, 1991).

Para que a família obtenha conhecimentos sobre as limitações do grupo em que seu filho faz parte, baseado no suporte psicopedagógico e vindo a desenvolver novas habilidades (TONO, 2013). A ponto de superar suas deficiências e a família contribuindo cada vez mais para ampliação de conhecimento a cerca dos limites do

seu filho e a passar a reconhecer os seus avanços e vindo a ficar satisfeitos com o trabalho desenvolvido pela comunidade escolar (VASCONCELOS, 2012).

A escola e a comunidade devem ajudar a família a reconhecer que todos os direitos dessas crianças como cidadãos da inclusão foram respeitados (PAVÃO, 2011)

2.2 A SAUDE DA CRIANÇA COM NECESSIDADES ESPECIAIS: O PAPEL DA ESCOLA

“Toda pessoa com **deficiência** tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação” — é o que diz a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) (BRASIL, 2015). Assim cabe a escola assegurar um ambiente e comunidade apta para receber este aluno independente da sua deficiência.

Dentre as capitais da região sul, Curitiba é a que possui o menor número de escolas públicas com alunos deficientes (TABELA 1). Esses números colocam a capital paranaense abaixo da média estadual, regional e nacional. Quando consideramos a rede privada de ensino a capital se coloca a frente em todas as categorias, perdendo apenas para Porto Alegre.

Tabela 1 - Percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental em escolas que informaram possuir alunos com deficiência ou com transtorno global do desenvolvimento (%).

Brasil, Grande Região, Unidade da Federação e Município	Pública	Privada
Brasil	90,4	88,1
Sul	90,7	87,6
Paraná	86,2	84,8
Santa Catarina	99,7	85,5
Rio Grande do Sul	89,6	100
Curitiba (PR)	77,4	89,7
Florianópolis (SC)	93,9	76
Porto Alegre (RS)	93,6	100

Fonte: (IBGE, 2016).

Ainda assim, ter alunos matriculados não significa bom atendimento. Quando analisamos os dados referentes a estrutura das escolas descobrimos que a rede publica se encontra em defasagem mais uma vez (TABELA 2) a nível nacional, regional e estadual. O estado do paraná se encontra acima da média nacional. O que mostra que uma política de investimento e conscientiza o está sendo feita em âmbito estadual. Esse tipo de considera o pode vir a favorecer a implementa o deste projeto de interven o.

Tabela 2 - Percentual de escolares frequentando o 9^o ano do ensino fundamental em escolas que informaram possuir estrutura para assegurar a acessibilidade dos alunos com necessidades especiais (%)

Brasil, Grande Região, Unidade da Federa�o e Município	Pública	Privada
Brasil	64,2	82,5
Sul	66,7	89,8
Paraná	70,1	85,7
Santa Catarina	70,4	92,5
Rio Grande do Sul	59,2	98,8
Curitiba (PR)	45,8	95,1
Florianópolis (SC)	88,1	100
Porto Alegre (RS)	64,6	90

Fonte: (IBGE, 2016)

Além de ter que lidar com os impactos que eventuais limita es físicas ou psíquicas trazem para a rotina, o deficiente sofre com as consequências da falta de inclusão social. A falta de mobilidade urbana, por exemplo, tira o ânimo e abre espaço para raiva, culpa e angústia. Sentimentos que, se não controlados, aumentam o risco de doenças como depressão.

Se por um lado a exclusão social fomenta emo es negativas, por outro complica a busca por hobbies e atividades relaxantes. A inclusão favorece a participa o ao lazer ao deficiente.

A sexualidade do deficiente ainda   tabu. E a falta de discussão sobre o tema patrocina a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis (DST) entre essa popula o. Segundo dados do Ministério da Saúde, 38% das mulheres e 35% dos homens com alguma limita o já pegaram DSTs, pois a sociedade os exclui ao acesso na questão dos cuidados com o corpo (SAÚDE, 2018).

2.3 ATIVIDADES EXTRACURRICULARES NO CONTRATURNO

Segundo os dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) 2015, divulgada pelo Ministério do Trabalho, 403,2 mil pessoas com deficiência atuam formalmente no mercado de trabalho, correspondendo a um percentual de 0,84% do total dos vínculos empregatícios. Onde se torna normal em nosso dia a dia se deparar com mais pessoas deficientes de vários setores da sociedade.

Assim, observa-se o aumento progressivo da participação nos últimos anos: 0,77%, em 2014, e 0,73% em 2013. Considerando o recorte por gênero, os dados apontam que 259,0 mil postos de trabalho são do sexo masculino e 144,2 mil postos do feminino. Estes números mostram que é preciso esclarecer o fato que não importa o gênero e sim o potencial do indivíduo.

Tendo em vista como base na experiência vivida no transcorrer do projeto a possibilidade de esclarecer mais fatos voltados no que diz respeito da importância da inclusão social nas escolas. (ALMEIDA, 2014)

3 METODOLOGIA DA INTERVENÇÃO

3.1 LOCAL DA INTERVENÇÃO

Para implementar este projeto de intervenção foi escolhida uma escola estadual do estado do Paraná. A Escola Estadual Dom Pedro II se encontra no bairro do Batel, na região central de Curitiba. A condição socioeconômica desta comunidade é média.

O ano de 2018 foi o ano de comemoração dos 90 anos de fundação da instituição. No calendário escolar estavam previstas várias atividades, desde o primeiro trimestre. A escola conta com um plano de inclusão bem fundamentado e um histórico de aceitação da comunidade escolar. Projetos de inclusão para alunos deficientes visuais (FIGURA 1) já foram desenvolvidos em anos anteriores na escola (FIGURA2) envolvendo alunos de vários anos.



FIGURA1- ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS USANDO NOTEBOOKS PARA INCLUSAO.
FONTE: ACERVO DA ESCOLA.



FIGURA2– ALUNOS PARTICIPANDO DO DIA DE CONSCIENTIZACAO DA DEFICIENCIA VISUAL.
 FONTE: ACERVO DA ESCOLA.

3.2 SUJEITOS DA INTERVENÇÃO

Participaram desse projeto de intervenção 32 alunos dos quais 14 são meninas e 18 meninos estudantes do último ano do ensino fundamental 2 (9º ano). Dentre os participantes tem um aluno que é autista, aqui identificado como João por motivos de privacidade, que é altamente socializado e que sua atenção é voltada para jogos em que consegue se comunicar, socializar e evoluir sem que tenhamos que adaptar o currículo escolar. São alunos que vieram de escolas diferentes, mas que se adaptaram ao plano político pedagógico da instituição.

Os responsáveis por estes alunos bem como os professores, também estavam incluídos neste projeto. Entre professores e equipe pedagógica conta-se com um pouco mais de 12 pessoas, lidando diretamente com esta turma.

3.3 TRAJETORIA DA INTERVENÇÃO

A trajetória de intervenção foi dividida entre dois grupos. O primeiro de alunos e o segundo formado pela equipe pedagógica, responsáveis e comunidade externa.

3.3.1. Trajetória de intervenção do Grupo 1

Foi aplicada a metodologia ativa em que o aluno interage, vindo assim a ser gerado no educando o espírito crítico e participativo com as atividades listadas na FIGURA 3. Estas foram as atividades desenvolvidas com os alunos.



FIGURA3 – ATIVIDADES DESENVOLVIDAS COM A TURMA.
FONTE: O Autor (2018).

A intervenção com os alunos ocorreu de maneira fácil e dinâmica. Em sala de aula foram propostos seminários e debates para formação de grupos. A disciplina ministrada era a de história facilitando assim este tipo de atividade. O aluno autista fez parte dos grupos, inclusive liderando um deste. A dinâmica das aulas de debate facilitou essa interação visto que ele tinha a oportunidade de expor seus argumentos e a turma inteira o ouvia justamente para contrapor as ideias.

Aproveitando a comemoração dos 90 anos da instituição foi feito um mural expondo a integração dos alunos com deficiências ao longo destes anos. O mural ficou em exposição por 3 meses, aberto a visitação do público externo. Esse mural veio do projeto de oficinas com imagens e vídeos que tinha como base mostrar a

interação destes alunos com família e colegas. As imagens coletadas faziam parte do acervo da escola e pessoal dos estudantes. Essa atividade não foi difícil de ser implementada visto que esta geração está habituada a ampla exposição nas redes sociais, mas ainda assim, as imagens aqui divulgadas só foram as publicadas no facebook da escola.

A escola possui um laboratório de informática para apoio didático. Esta sala foi usada para fonte de pesquisa aos alunos. Os temas sempre eram os utilizados nos seminários e debates, mostrando que o aluno autista era amplamente capacitado a este tipo de atividade para os seus colegas.

No final do ano letivo foi realizado uma visita ao Museu da Vida, um museu totalmente gratuito e preparado para receber crianças e idosos. O museu é financiado pela pastoral da criança e tem como um de seus objetivos transformar-se em referencia de estudo e divulgação dos cuidados da saúde durante o ciclo vital.

3.3.1. Trajetória de intervenção do Grupo 2

A abordagem da intervenção para os responsáveis, familiares, professores e equipe pedagógica foi a mesma, conforme a FIGURA 4. Para eles a intenção foi mostrar o lado socializável do aluno. Assim uma abordagem mais direta e participativa foi realizada.



FIGURA4– ATIVIDADES DESENVOLVIDAS COM OS PAIS, PROFESSORES E EQUIPE PEDAGOGICA.
FONTE: O Autor (2018).

Assim como para o Grupo 1 o Grupo 2 participou da comemoração dos 90 anos da instituição. Professores e responsáveis enviaram fotos integrando o aluno

com deficiência nas atividades escolares e sociais. Alguns professores possuíam fotos de passeios e atividades integradoras de outros anos, facilitando assim a montagem da exposição de fotos.

No final do semestre um chá foi feito para o Grupo 2, com a presença de uma especialista, abordando o tema da integração destes alunos tão especiais. Neste evento uma especialista e uma psicóloga palestraram para a audiência de pais e professores, explicando as dificuldades encontradas pelas crianças com deficiências em se tornarem membros produtivos da sociedade e as ações cabíveis ao público para facilitar esta socialização.

4 RESULTADO DA INTERVENÇÃO

Para a implementação do projeto de intervenção o cronograma do ano letivo escolar foi seguido. A Profissional de Apoio Educacional Especializado – PAEE apresentou o currículo adaptado da escola, utilizado para desenvolver as tarefas com os alunos da inclusão, que é a flexibilização curricular.

No primeiro trimestre foi pedido para a turma como tarefa de prova um seminário. O aluno autista teve um pouco de resistência vindo a solicitar a realização do trabalho individualmente. Um outro aluno ao ver isto perguntou se podia fazer o trabalho com ele e ele aceitou. O que o levou a querer realizar a atividade sozinho não se pode adivinhar, mas ficou claro que para a criança especial é mais fácil se isolar do que sentir a rejeição. Eles realizaram toda a pesquisa em sala de aula e fizeram um cartaz com o tema do seminário: Propaganda de massa. Houve grande interação por parte do aluno com TEA pois teve que explicar como o outro aluno iria montar o cartaz e quais as figuras que serviriam como propaganda de massa.

Na segunda etapa da intervenção eles desenvolveram um vídeo da escola com todos os eventos que estavam no mural da escola e das gincanas, com a participação dos alunos nas atividades de educação física e também na interação. A formação das equipes da gincana escolar foi outro processo de inclusão. Pois a principio as equipes não queriam escolher os colegas com necessidades especiais, mas a equipe pedagógica e o corpo docente estipularam a regra de que cada equipe deveria ter ao menos um aluno. Assim as equipes foram formadas de acordo com a proposta deste projeto de intervenção. Pode-se imaginar que as crianças se sentiram forçadas, mas o principio era justamente mostrar a eles que todos eram amplamente capazes de participar e levar o time a vitória. Uma das atividades da gincana era de cantar no karaokê. Os alunos especiais se sobressaíram muito bem, ensaiando as musicas com os alunos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência - PIBID do curso de Artes da Universidade Federal do Paraná.

Na terceira fase da intervenção foi feito um desafio no laboratório de informática em que dado o tema de pesquisa o grupo que respondesse primeiro ganhava. Grande parte dos alunos do 9º ano não gosta de pesquisar e esta foi uma oportunidade. Essa atividade foi feita como parte da preparação da turma para o debate em sala de aula. Os grupos foram separados e devido ao desempenho do

“João” durante o seminário, ele se tornou o líder de um dos grupos. Este aluno tem uma facilidade muito grande para lidar com os computadores, devido o seu gosto por videogames. Intitulado “supervisor”, ele auxiliou os colegas que não conseguiam realizar as buscas. Sendo assim a pesquisa no laboratório de informática mostrou aos seus colegas que ele era extremamente habilidoso em uma área e capaz de lidar com os problemas. Ao final daquele mês o grupo do “João” foi o que ganhou o exercício de debate em sala de aula.

Na ultima fase de intervenção do Grupo 1 foi levado ao Museu da Vida, como premiação a equipe vencedora da gincana. Neste grupo estava “João”. Durante a visita ele interagiu várias vezes com o guia, demonstrando total interesse e curiosidade, mais até do que os outros colegas. Esta tinha sido a primeira visita dele a um museu e ficou marcada em sua memória a ponto de comentar com os colegas tudo que achou interessante, no retorno a escola. Mais uma vez, João surpreendeu a todos, pois seus colegas não esperavam aquele comportamento por parte dele.

No final do ano um evento organizado pela PAEE da escola aconteceu em dois horários. O horário da manhã dedicado aos professores e o horário da tarde aberto para os pais. Um chá foi oferecido pela direção e coordenação da escola. O evento teve uma grande divulgação pois contava com a participação de uma psicóloga e uma especialista em Terapia de Expressão. O tema foi “Interação e Inclusão na escola: educação para todos”. Após a palavra dos profissionais os pais e professores interagiram, durante o chá, fazendo perguntas e tirando duvidas. Os pais foram ouvidos e puderam demonstrar a sua satisfação no que diz respeito a quem eles têm depositado total confiança na educação de seus filhos. Onde se é respeitado os seus limites e desenvolvido neles total autonomia para o futuro promissor de cada um deles. Para os educadores foi uma oportunidade de aprender, no transcorrer da capacitação, novas ferramentas para o próximo ano letivo no que diz respeito ao aluno da inclusão.

5 CONCLUSÃO

O último ano foi um ano de realizações na Escola Estadual Dom Pedro II. A escola comemorou seus 90 anos da melhor maneira possível e isso facilitou o projeto de intervenção. A equipe pedagógica e docente esteve aberta e disposta a colaborar. Esse não foi meu primeiro ano trabalhando na escola e já sabia que os alunos eram muito inteligentes e receptivos. Com todo esse ambiente favorável o sucesso do projeto era inevitável.

O objetivo geral do projeto foi atingido. As atividades de contraturno como as gincanas e exposição de fotos foram de grande sucesso na escola, incluindo a visita ao museu. As atividades de seminário e debate promoveram uma boa fundamentação pedagógica, social e cultural dentro de suas capacidades. Indo além disso pois mostraram aos alunos e colegas que eles eram independentes. Muitos professores ficaram fascinados com a capacidade de liderança demonstrada ao longo das atividades, suplantando assim muitos pré-conceitos.

Com a promoção da autoestima desses alunos e sua inclusão ativa nas atividades escolares a vontade de aprender foi fortalecida. Deste modo é esperado vê-los dando continuidade a seus estudos.

Por fim a realização do evento no final do ano para os pais foi o fechamento de um trabalho desenvolvido por todo o ano. Esta reunião foi essencial para mostrar o alcance do projeto de intervenção. As vezes dar a aula e enviar a atividade para casa, não nos mostra se a família está realmente envolvida. Momentos como a exposição de fotos e o chá, em que podemos interagir com os responsáveis, são cruciais para lidar com eles e ver a extensão do projeto.

A inclusão desses alunos tem de ser um projeto contínuo na escola, para favorecimento não tão somente de sua saúde, mas também dos responsáveis. A negação dos problemas do filho não faz mal apenas a eles, mas também a criança e a sociedade. A criança que não se integra a sociedade e a sociedade que não sabe como receber esta criança. Com estas ideias a Escola Estadual Dom Pedro II continuará propondo a integração dos seus alunos, assim como tem feito nos últimos 90 anos.

REFERÊNCIAS

ABRA, **Associação Brasileira do Autismo**. <https://www.autismo.org.br>, 2018. Disponível em: <<https://www.autismo.org.br>>. Acesso em: Junho 2018.

ALMEIDA, N. A. D. **Tecnologia na Escola - Abordagem pedagógica e abordagem técnica**. 2a Edição. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

BRASIL. LEI Nº 8.213, DE 24 DE JULHO DE 1991. **Planos de Benefícios da Previdência Social**, 24 Julho 1991.

BRASIL. DECRETO Nº 6.949, DE 25 DE AGOSTO DE 2009. **Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo**, 25 Agosto 2009.

BRASIL. LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**, Brasília, 27 Dezembro 2012.

BRASIL. LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**, 06 Julho 2015.

DAVID, C. M. **Desafios contemporâneos da educação**. 1a Edição. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.-. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.-. **Pesquisa nacional de saúde do escolar**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

MELLO, A. M. S. R. D. **Autismo: guia prático**. 8a Edição. ed. Brasília: COORDENADORIA NACIONAL PARA INTEGRAÇÃO DA PESSOA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA, v. 1, 2007.

PAVÃO, S. L. The effect of in-home instruction on the functional performance of children with special needs. **Motricidade**, v. 7, n. 1, p. 21-29, Março 2011.

SAÚDE, M. D. Dados e indicadores da saúde. **Portal do Ministério da Saúde**, 2018. Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/dados-e-indicadores-da-saude>>. Acesso em: Julho 2018.

TNAS, The National Autistic Society. **The National Autistic Society**, 2018. Disponível em: <<https://www.autism.org.uk/about/what-is.aspx>>. Acesso em: Julho 2018.

TONO, C. C. P. **Informática para o Desenvolvimento Humano**. 2a Edição. ed. Curitiba: Editora CRV, 2013.

UNESCO. Declaração de Salamanca. **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, 1994.

VASCONCELOS, J. A. **Fundamentos filosóficos da educação**. 1a Edição. ed. Curitiba: Editoria Intersaberes, 2012.